

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 2

JULHO DE 1958

OS ÍNDIOS CANELAS DE HOJE

NOTA PRÉVIA

WILLIAM CROCKER

University of Wisconsin - USA

Nenhuma informação mais detalhada existe sobre os Canelas desde que foram, há mais de vinte anos, visitados por Curt Nimuendajú. Neste relatório preliminar serão descritas as mudanças mais notáveis ocorridas na cultura deste grupo tribal, nesse período, tomando-se como base os dados fornecidos por Nimuendajú em sua monografia "The Eastern Timbira" (1).

Convivemos com esses índios de agosto a dezembro de 1957 e pretendemos retornar ao campo em princípios de 58, a fim de passar a maior parte do ano entre eles. O objetivo fundamental da pesquisa foi o de fixar as mudanças culturais ocorridas entre os Timbira desde o tempo em que Nimuendajú os estudou. Acreditamos que a excelente monografia elaborada pelo citado etnólogo, tomada como elemento informativo básico para a comparação de diferenças de condições entre 1936 e 1958, oferece as melhores vantagens para a compreensão de problemas de dinâmica cultural.

Os tópicos serão apresentados na seguinte ordem: I) descrição da área; II) análise dos elementos de pressão aculturativa; III) relacionamento de algumas das mudanças ocorridas; IV) sumário incluindo hipóteses através das quais se explica a estabilidade da cultura Canela. Como a presente pesquisa se encontra ainda em fase preliminar, alguns pontos somente mais tarde poderão ser esclarecidos com maior precisão.

I

Por volta de 1934, época em que Nimuendajú os visitou, os Canelas habitavam em uma única aldeia, a do Ponto, localizada nos cerrados da região central do Maranhão, cêrca de 70 quilômetros ao sul de Barra do Corda, próxima a um pequeno curso d'água, o Santo Estêvão. Atualmente vivem em duas aldeias: uma nova, que conserva a antiga denominação de Ponto, ainda nos cerrados, a cêrca de cinquenta metros do antigo sítio e a outra, Baixão Preto, 8 quilômetros adiante, situada parcialmente em uma floresta de galeria que acompanha o mesmo ribeirão. As povoações neo-brasileiras mais próximas localizam-se a 12 quilômetros ou mais. Viajantes e comerciantes passam a cavalo quase diariamente pela aldeia do Ponto, situada à beira de uma importante estrada do sertão. A população de Ponto atinge a cêrca de 230 pessoas e Baixão Preto abriga 150 habitantes, registrando-se assim um aumento de 80 índios em 22 anos, ou seja de 27% sôbre o total referido por Nimuendajú (1946: 33).

II

A ocupação néo-brasileira da maior parte dos antigos territórios tribais de caça dos Canelas deve ser entendida como a maior mudança de condições ocorrida nos últimos sessenta anos. O fato teve como conseqüência a transformação de uma economia preponderantemente de caça e coleta para uma dependência maior sôbre a agricultura, embora esta atividade produtiva possa ser considerada até certo ponto um traço cultural próprio dos Canelas (1946: 57).

Desde o tempo de Nimuendajú, a mudança mais atuante no equilíbrio de relações externas da tribo foi a fundação de um pôsto indígena em 1941 pelo Serviço de Proteção aos Índios. Atualmente, as duas aldeias possuem Postos Indígenas, com residência permanente de encarregados e suas famílias.

A grande mudança interna foi a divisão da tribo em duas aldeias, refletindo-se tal fato sôbre a estrutura de certas instituições sociais. A segmentação ocorreu há três anos passados. Esta fragmentação dos Canelas resultou no desequilíbrio do

número de pessoas exigido para o funcionamento de várias organizações e em falhas no preenchimento de algumas funções tribais. A divisão parece ter resultado de desacôrdo sôbre questões de chefia após a morte de Haktokot, velho e prestigioso chefe e também de desavenças em tôrno da escolha da área onde localizar a nova aldeia.

III

Desde que foram estudados por Nimuendajú, poucas mudanças culturais estruturalmente significativas podem ser observadas entre os Canelas. Estas foram mudanças de ênfase ou de quantidade melhor que perdas totais, substituições ou adaptações de traços culturais. Pode-se dizer que as mudanças verificadas em aspectos importantes da cultura são mais quantitativas que qualitativas.

Ao chegar-se a uma das aldeias, fàcilmente se reconhecem e identificam as descrições gerais da monografia de Nimuendajú. Tanto Ponto quanto Baixão Preto ainda mantêm o padrão de distribuição circular das casas, os caminhos radiais e a praça central; o corte dos cabelos conserva os característicos sulcos horizontais e os Canelas usam os batoques auriculares e ainda praticam as corridas de tôras. São mantidas as metades de gráus de idades bem como suas correspondentes durante a estação chuvosa, o mesmo ocorrendo com os grupos da praça, as sociedades masculinas e as relações de amizade. A residência matrilocal é ainda praticada, tal como o sistema de transmissão de nomes. Na estação sêca realizam um dos conhecidos festivais: pebye, pepkahak, ketuaye, tepyarkwá ou o dos mascarados.

Entre as mudanças anotam-se as seguintes: as "pistas de corridas de tôras, quase perfeitamente retas, levando ao cerrado nas quatro direções cardiais" (Nimuendajú, 1946:38) foram aparentemente abandonadas. Sua manutenção deveria exigir grande trabalho. Pode-se admitir que êsse esforço seja agora absorvido pela crescente dificuldade de caça e a intensificação do trabalho nas roças. No ano passado foi aberto um picadão atravessando o cerrado, permitindo viagem em caminhão de

Barra do Corda à aldeia do Ponto, durante os meses da estação seca. Essa viagem foi feita somente duas vezes.

Na estrutura social, uma mudança qualitativa maior é o desaparecimento da exogamia de metades, que estava em vias de se extinguir já ao tempo de Nimuendajú (1946:79). Um sintoma de desorganização em 1957 foi a demora em completar o festival de iniciação, pepyé, de agosto ou setembro até o dia dois de dezembro, tempo em que a quantidade necessária de alimentos e de equipamento cerimonial poderia já ter sido obtida. Incapazes de reunir o necessário para realizar a festa em dias seguidos, dividiram-na em várias partes, espaçando-as por um período de três meses.

Todos os homens, com poucas exceções, falam bem o português mas são poucas as mulheres que se expressam adequadamente nessa língua. Entretanto, o Jê é sempre usado nas reuniões do conselho ou quando conversam. Quatro jovens de pouco mais de vinte anos aprenderam a ler e a escrever o português, bastante bem para redigir ou receber cartas, e têm nisso grande orgulho. Foram ensinados por uma professora do SPI que passou os anos de 1944 a 1951 na aldeia do Ponto. A maioria dos Canelas, especialmente os jovens, querem conhecer e se informar sobre o mundo de fora da aldeia. Vários rapazes expressam o desejo de passar alguns anos nos povoados "cristãos" para aprender a ler e a escrever bem.

Os Canelas obtêm e se utilizam da maior parte do equipamento material dos néo-brasileiros. Constroem casas semelhantes e usam os mesmos utensílios domésticos e instrumental agrícola, conseguidos por compra ou doação.

Tôda a diferença está em que os néo-brasileiros possuem maior quantidade desses artefatos. Em termos de manutenção econômica não há razão certamente para esses índios invejarem seus vizinhos "cristãos", igualmente muito pobres.

Na monografia de Nimuendajú, cêrca de meia página é dedicada ao tratamento dado aos cachorros. Nela se diz que "sendo raras vezes castigados, mostram-se insolentes e atrevidos com os donos" (1946:75). Hoje, encolhem-se e guardam distância. Raramente são alimentados e têm que roubar a comida. Na hora das refeições ficam a rondar as panelas e invariável-

mente apanham de cacete, saindo a ganir. É interessante conjecturar sôbre a mudança de atitude que êsse comportamento indica.

As mulheres, atualmente, usam sempre uma saía feita de um pano enrolado na cintura, embora nos banhos, mesmo quando o grupo é misto, fiquem nuas e não se preocupem muito com o uso de roupas quando dentro de casa. Quando não há visitantes na aldeia, ainda podem ser vistas nuas, na praça, jovens impúberes participantes de cerimônias.

Os homens usam comumente um pedaço de metro e meio de pano dobrado sob o cinto, mas é freqüente andarem nus. Dêsses, os que se sentem emocionalmente pouco propensos a antagonizar os hábitos "cristãos", usam calças ou calções. Os líderes do cerimonial podem tirar suas roupas ao dirigir as danças, procedimento que está mais de acôrdo com a tradição; em outras ocasiões, o mesmo indivíduo mantém o uso da tanga. À noite ou de madrugada quase todos os homens dançam nus, estejam ou não presentes na aldeia visitantes masculinos. Parece-nos que há atualmente menos preocupação sôbre a importância de estar ou não vestido para realizar os cerimoniais com propriedade, do que ao tempo de Nimuendajú (1946:47). Por outro lado, há evidente preconceito contra o fato do indivíduo aparecer nu diante de um visitante do sêxo oposto. Efeito da influência cristã, é óbvio.

Segundo Nimuendajú, as celas de reclusão dos pepye, construídas na casa materna, eram de forma arredondada (1946:184). Atualmente são quadradas, explicando-nos o chefe da aldeia do Ponto que as dêsse formato são mais fáceis de construir.

Nimuendajú afirma que o vocábulo pep, como encontrado em pebye e pepkahak, significa guerreiro (1946:260). Entretanto, mesmo o meu mais velho e melhor informante foi incapaz de dar qualquer sentido a esta palavra. Tal fato é especialmente significativo quando se tem em conta a atitude dos Canelas, que se orgulham de ser um povo pacífico, ao contrário dos "cristãos", que estão sempre "brigando como cachorros". É fácil compreender que, concordes com tal definição de si

mesmos, não gostarão de identificar os seus dois festivais mais populares como cerimoniais de treinamento de guerreiros.

A condição de ser hamren (1946:97), um título de status honorário, foi esquecida, restringindo-se seu uso apenas a certas ocasiões cerimoniais. Os urubus-rei (tamhak), tradicionalmente os chefes honorários ou hóspedes de tribos estranhas (1946:97), funcionam atualmente apenas como figuras nos festivais.

Testemunhamos e registramos em gravação sonora a última parte do primeiro festival dos pepye em ambas as aldeias, Ponto e Baixão Preto. Comparada com o festival final dos pepye assistido por Nimuendajú (1946:179-210), verifica-se que a cerimônia foi bem preservada. A maioria das discrepâncias pode ser atribuída à diferença de idades entre os iniciados. Uma mudança, contudo, se observa no desenho de ornamentação do corpo dos grupos da praça. Apenas um padrão é idêntico ao ilustrado por Nimuendajú (1946:89), mas sua denominação foi trocada pela de um outro grupo da praça.

A divisão da tribo deixou uma jovem vu'te (1946:92) em cada aldeia. Baixão Preto, constituída pelo grupo dissidente, escolheu uma nova vu'te para a metade de classe de idade que necessitava de uma. Estas duas jovens foram usadas na cerimônia de abertura da estação de festas de 1957 mas o pessoal de Ponto utilizou apenas a única jovem legítima, na mesma cerimônia, realizada em época diferente. Entretanto pretendem escolher, para 1958, duas novas vu'te em Ponto, porque sua legítima vu'te perdeu o status ao casar-se em outubro passado. Se assim procederem, a reunião das duas aldeias será dificultada ainda mais, porque duas famílias teriam que abdicar ao privilégio de serem famílias vu'te e, conseqüentemente, perderiam o prestígio de serem hóspedes da metade oposta de classe de idade.

Uma outra barreira contra a possível reunião das aldeias foi erguida quando o segundo chefe de Baixão Preto opôs-se tenazmente contra tal fusão num conselho de que participaram representantes das duas localidades, realizado em dezembro. Explicou mais tarde que se a fusão se efetivasse sua filha perderia o status de "moça associada", no festival ketuaye a ser realizado no próximo verão.

Embora com exceção de uns poucos, digam que uma única e grande aldeia é mais alegre, a união parece difícil. Se ela ocorresse, o fato significaria grande sacrifício de prestígio pessoal, uma vez que as funções sócio-cerimoniais foram duplicadas em cada aldeia.

Observa-se uma tendência acentuada para a solidificação de um sistema de dois partidos. Exceto para os iniciandos, as classes de idade raras vêzes agem em separado, isto é, no sentido em que as classes de idade do Este e as do Oeste atuem como uma unidade. Na praça não mais se observam os quatro grupos sentados em seus lugares tradicionais, com os conselheiros ao centro, como os observou Nimuendajú (1946:90). Essa mudança pode ter resultado da redução do tamanho das aldeias.

Comparando-se estimativamente as idades e a associação de indivíduos por classes etárias, é possível mostrar que o ciclo cerimonial mais se aproxima de uma duração de oito anos, que do período de dez anos referido por Nimuendajú (1946:97).

Atualmente o grupo de iniciados pepyé gradua-se mais cedo e a transferência das quatro classes menos ativas para o conselho tem lugar em idade mais jovem.

Na luta ativa pela supremacia entre Ponto e Baixão Preto, esta tem duas vantagens bem marcadas: terras boas para roças e um líder mais enérgico. As terras de lavoura, ao longo do ribeirão, junto à aldeia do Ponto, estão exauridas. Contudo, os velhos, a maioria dos quais optou pela nova localização da aldeia do Ponto, afirmam que a área em tórno de Baixão Preto não é sadia devido à mata e que o chão é duro, ao invés da areia batida e limpa, melhor para dançar. Além disso "nossos avós não viviam em tal terreno", dizem, com a convicção de que habitar êsse local contraria a tradição.

IV

Embora se observem algumas mudanças culturais completas e determinadas tendências para mudança como a contração das classes de idade, os padrões sócio-culturais entre os Canelas são hoje, fundamentalmente, os mesmos que ao tempo de Nimuendajú. São, entretanto, mantidos com menos rigidez.

Poder-se-ia conjecturar sôbre as várias razões que explicam essa estabilidade. Na área ideológica da cultura, êles possuem um corpo de mitos, crenças e estereótipos sôbre os néo-brasileiros que os convence de sua própria superioridade. A comparação com a realidade muitas vêzes apoia êsse ponto de vista. Com respeito ao contacto humano, êles estão isolados geograficamente e a maioria das pessoas que penetram a sua área se compõe de viajantes ou comerciantes. Estão também isolados econômicamente no sentido de que dependem muito pouco do mercado regional de alimentos para consumo ou produção. Pode-se ainda imaginar que sua vida cerimonial seja tão completa e satisfatória que tenham poucas razões para abandoná-la ou substituí-la pelas alternativas locais menos variadas.

Há contudo, nas duas aldeias, um grupo de jovens que desejam conhecer o mundo exterior à vida tribal e querem aprender a escrever e a ler português. Tais desejos são certamente acentuados pelas precárias perspectivas econômicas devidas às crescentes dificuldades para obter subsistência dos produtos da caça, ao seu desgosto por trabalhos agrícolas e ao empobrecimento das áreas de lavoura onde almejam viver de acordo com as tradições de seus antepassados.

NOTAS

1) Curt Nimuendajú, "The Eastern Timbira". Translated and Edited by Robert H. Lowie. University of California Press. 1946. As indicações de páginas como referência bibliográfica inseridas no texto dizem respeito a esta obra.

2) N.R. — Para melhor entendimento dêsse aspecto da cultura Timbira a que se refere o autor, transcrevemos aqui algumas informações de Nimuendajú sôbre êsse status honorífico; "Os HAMREN": esta ordem honorífica compreende cinco grupos não relacionados, que participam da consideração pública e de preeminência cerimonial: 1) os chefes de aldeia (pa'hi); 2) os líderes (mamkye'ti) das classes etárias; 3) as jovens que são associadas aos rapazes durante sua cerimônia de iniciação e são chamadas pepkwé'i depois do encerramento da iniciação; 4) as dirigentes das danças das mulheres (mehôkrepú'i); 5) os Urubus-rei (tamha'k).

Em virtude da preponderância dêste último grupo sôbre os outros combinados, o têrmo hamrém é geralmente usado como um sinônimo de tamha'k; significa mais prôpriamente "restabelecido de uma moléstia". Os hamrém deviam observar certos tabus alimentares e mantinham antigamente uma forma especial de enterramento, só em parte conservada atualmente. Os tamha'k têm funções permanentes de caráter predominantemente mágico e social e, ao contrário de outras sociedades masculinas, não possuem moças associadas a êles. A palavra tamha'k é sinônima de kukriti (Urubu-rei, Gypagus papa) com o qual os membros afirmam ter parentesco, designando-o como kedti (tio materno). Entretanto, de forma alguma cultuam ou reverenciam êste pássaro ou fazem uso cerimonial de suas penas ou outras partes de seu corpo. Como os Urubus-rei tornam possível a alimentação dos urubus negros vulgares (dilacerando a carniça contra a qual são impotentes os fracos bicos dêstes últimos), assim um urubu-rei (tamha'k) deve alimentar outros. A filiação não é transferida do tio materno ao filho da irmã, mas obtida com a chefia honorária de uma tribo Timbira alheia ao grupo. Quando um grupo Timbira visita outro, os hospedeiros adornam um dos visitantes, preferivelmente um rapaz, com penas de gavião, pintam-no com urucu e fazem-no apresentar-se em frente aos conselheiros na praça com um recipiente contendo alimentos. Através dêsse ritual transforma-se êle em chefe honorário, mehōpa'hi, status a que é atribuída grande distinção. É dever, em resumo, de um chefe honorário, providenciar alimentos para os membros da tribo pelos quais foi honrado.

Dos quatro grupos unidos na aldeia do Ponto — Os Ramko'kamekra predominantes, os Ca'kamekra, os Kro'rekamekra e os Karekatēye — todos têm um ou mais dêstes chefes honorários em cada um dos outros grupos, quanto mais numerosos melhor no interêsse do suprimento de comida. É a totalidade dêstes chefes honorários, que somavam trinta e quatro em 1931, que constitui a ordem dos Urubus-rei; e desde que os chefes tribais são "hamrém" o título foi, por extensão, atribuído aos "tamha'k". Tal é a única maneira de escolher-se um "Urubu-rei" (Curt Nimuendajú, Op. cit., p. 97 e seguintes)".